

**CENTRO ALPHA DE ENSINO
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE HOMEOPATIA
CAROLINA DESGUALDO PEREIRA**

***MEDICAGO SATIVA* EM HOMEOPATIA: REVISÃO DE LITERATURA**

**São Paulo
2015**

CAROLINA DESGUALDO PEREIRA

***MEDICAGO SATIVA* EM HOMEOPATIA: REVISÃO DE LITERATURA**

Monografia apresentada a ALPHA/APH
como exigência para obtenção do título de
especialista em homeopatia veterinária.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Regina Torro

São Paulo

2015

Desgualdo-Pereira, Carolina

Medicago sativa em homeopatia: revisão de literatura / Carolina Desgualdo Pereira. São Paulo, 2015.

66 f. ; 30 cm ; il.

Monografia – ALPHA/APH, Curso de pós Graduação em Homeopatia

Orientadora: Profa. Dra. Ana Regina Torro

1. Homeopatia 2. Matéria Médica 3. *Medicago sativa* 4. Alfafa

DEDICATÓRIA

Gostaria de dedicar esse estudo ao Veludinho, meu querido amigo que me inspirou e me incentivou no uso da homeopatia.

Agradeço e dedico também a minha amada mãe, pelo apoio, dedicação e cumplicidade que me foi dedicada para que esse curso fosse uma realidade para mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus colegas de turma e minha querida professora Ana Regina, obrigada pelo apoio e companheirismo.

Agradeço aos professores e coordenadores do curso pelos ensinamentos e dedicação dadas a essa modalidade médica que proporciona um bem muito grande a quem tem a oportunidade de vivencia-la.

RESUMO

Esse trabalho objetivou compilar estudos a respeito da utilização da alfafa como medicamento homeopático a fim de identificar seus principais sintomas. Apesar de muito pouco utilizada, a alfafa está dentre os 1.768 principais medicamentos segundo a Farmacopeia Brasileira. Foi possível elencar os seguintes sintomas: lentidão; pensamento devagar; astenia cerebral; debilidade mental; taciturno; prostração mental; torporoso; sonolência; ausência de brilho mental; escuridão mental; estúpido; tristeza; irritabilidade; zangado; nervosismo melancolia; dificuldade de pensar e compreender; inquietude mental; mau-humor; rabugento; desânimo; abatimento; apatia; depressão; euforia; perturbação mental; hipocondria; cefaleia violenta; cabeça apática com sensação de peso no occipital, nos olhos e sobre eles; peso e atordoamento na região occipital e a cima dos olhos; dor nos olhos; dor em cima dos olhos; trompas de Eustáquio se fecham a noite, mas se abrem pela manhã; abdômen distendido por flatulência; presença de gases nos intestinos; cólica por gases; dor na linha do cólon; dores agudas intermitentes muitas horas após refeição; apendicite crônica; desejo doce; polidipsia; fome aumentada; fome antes do meio dia [Sul]; intestino distendido; diarreia; fezes com dor acompanhada de flatos e ardor; queimação retal pela flatulência; fezes moles; fezes amarelas; presença de indicans na urina; presença de fosfatos na urina; poliúria; urgência para urinar; diabetes insípidas. Porém, são necessárias maiores pesquisas a respeito de sua experimentação e patogenesia, para poder classificar e elencar de forma mais clara e pontuada, os sintomas causados e os benefícios dessa planta dentro da homeopatia.

Palavras chave: Homeopatia. Matéria Médica. Medicago sativa. Alfafa.

ABSTRACT

This study aimed to compile studies on using alfalfa as a homeopathic medicine to identify their main symptoms. Although rarely used, alfalfa is one of the main drugs of 1768 according to the Brazilian Pharmacopoeia. It was possible to list the following symptoms: slow; slowly thinking; cerebral asthenia; mental retardation; taciturn; Mental prostration; torporoso; drowsiness; absence of mental brightness; mental darkness; asshole; sadness; irritability; angry; melancholy nervousness; difficulty thinking and understanding; mental restlessness; bad mood; Grumpy; discouragement; reduction; apathy; depression; euphoria; mental disorder; hypochondria; violent headache; apathetic occipital heaviness in the head, eyes and around them; weight and surprising in occiput and above the eyes; eye pain; eye pain; Eustachian tubes are closed at night, but open in the morning; distended abdomen flatulence; presence of gas in the intestines; cramps for gases; pain in the line of the colon; intermittent sharp pains many hours after the meal; chronic appendicitis; sweet will; polydipsia; increased hunger; hungry before noon [South]; distended bowel; diarrhea; stools accompanied by pain and burning flatus; rectal burning from flatulence; loose stools; yellow stool; indicans presence of urine; presence of phosphate in the urine; polyuria; urge to urinate; Diabetes insipidus. However, more research on judgment and pathogenesis is needed to assess and classify the lightest and is scored, the symptoms caused and benefits of this plant within homeopathy.

Keywords: Homeopathy. Materia Medica. Medicago sativa. Alfafa.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Caule da alfafa. (Disponível em: http://www.delange.org/Alfalfa/Alfalfa.htm)	11
FIGURA 2	Folhas de alfafa. (Disponível em: http://www.oshims.com/herb-directory/a/alfafa)	11
FIGURA 3	Flor da alfafa. (Disponível em: http://www.delange.org/Alfalfa/Alfalfa.htm)	11
FIGURA 4	Inflorescências de alfafa. (Disponível em: http://www.delange.org/Alfalfa/Alfalfa.htm)	11
FIGURA 5	Coloração da alfafa. (Disponível em: http://www.anpc.ab.ca/wiki/index.php/Medicago_sativa)	11
FIGURA 6	Sementes de alfafa. (Disponível em: http://www.anpc.ab.ca/wiki/index.php/Medicago_sativa)	11
FIGURA 7	Flor e semente de alfafa (COOK, 2005)	12
FIGURA 8	Cultivo de alfafa. (Disponível em: http://www.delange.org/Alfalfa/Alfalfa.htm)	12

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Vocábulos selecionados	03
TABELA 2	Combinações de MeSH, número de artigos total (A), número de artigos utilizados correspondentes ao objetivo da pesquisa (B), local da pesquisa (C) e intervalo de anos das publicações encontradas (D)	04
TABELA 3	Principais agentes patogênicos, doenças e sintomas presentes na alfafa	09
TABELA 4	Compilação dos sintomas comuns da alfafa apresentados nas matérias médicas homeopáticas, com suas utilizações dentro da homeopatia, e os autores que os citam	31
TABELA 5	Compilação dos sintomas comuns da alfafa apresentados nas matérias médicas homeopáticas, com suas utilizações dentro da homeopatia, e os autores que os citam	44
TABELA 6	Identificação dos sintomas presentes nas matérias médicas homeopáticas e os sintomas presentes nos repertórios utilizados	48

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	01
2.	REVISÃO DE LITERATURA	03
2.1	Estudo geral da planta <i>Medicago sativa</i>	06
2.2	Características anatômicas do <i>Medicago sativa</i>	10
2.3	Composição nutricional do <i>Medicago sativa</i>	12
2.4	Características medicinais: fitoterapia e efeitos tóxicos	13
2.4.1	Fitoterapia	13
2.4.2	Efeitos tóxicos	15
2.5	O <i>Medicago sativa</i> dentro da homeopatia	17
2.5.1	Estudo sobre a experimentação do <i>Medicago sativa</i>	18
2.5.2	Matéria médica homeopática	21
2.5.3	O <i>Medicago sativa</i> dentro do repertório homeopático	34
4.	DISCUSSÃO	40
5.	CONCLUSÃO	52
6.	REFERÊNCIAS	54

1. INTRODUÇÃO

A alfafa (*Medicago sativa*) é uma planta originária da Ásia menor e sul do Caucaso (RASSINI, FREITAS, 1998; RASSINI, 1998; COOK, 2005), que possui raízes compridas, folhas compostas, trifoliadas, com folíolos oblongos, mais ou menos serrados; suas flores são violáceas ou azuladas, dispostas em racimos curtos; o fruto é uma vagem espiralada, com sementes pequenas e comprimidas. Esta erva se propaga melhor em solos neutros (pH=7), não se desenvolvendo bem em solos encharcados. Adapta-se bem aos climas temperado, subtropical e tropical com farta colheita o ano todo. Fornece alimentação de primeira qualidade ao gado bovino, equino e ovinos e com desenvolvimento do animal superior aquele dos que são alimentados com outras leguminosas (COOK, 2005; JESUS, 2009).

Essa planta possui vários princípios ativos como sais minerais, vitaminas e proteínas em sua composição. Devido a essa riqueza nutricional, ela é muito indicada como suplemento alimentar. Sua ação farmacológica pode ser visualizada em anemias; na fadiga; no escorbuto; no raquitismo; osteoporose; artrite; arteroesclerose; na falta de apetite; em hemorragias; consolidação de fraturas; transtornos relacionados com a menopausa; ação proteinizante; e auxilia na redução dos níveis de colesterol total (BLACKWOOD, 1945; DUKE, 1992; BERDONCES, 1998; RODRÍGUEZ et al, 2003; JESUS, 2009; CEBRIÁN, 2014). Como fitoenergético ajuda a apaziguar e equilibrar os sentimentos alterados e trazer a pessoa para seu eixo; é um vegetal indicado contra crises existenciais (GIMENES, 2014).

Dentro da medicina homeopática, sua utilização ainda não alcançou grandes pilares talvez pelo fato de ser pouco abordada, discutida e por sua ação homeopática muitas vezes ser confundida com sua ação fitoterápica. Porém é um medicamento de grande importância homeopática e que pode auxiliar muito em casos onde o paciente não apresenta resposta ao tratamento convencional alopático e, inclusive, homeopático, pois sua terapêutica aborda sintomas importantes desde a depressão, a apatia, a irritabilidade, a cefaleia, a fosfatúria, a poliúria, a polidipsia, a diabetes insípida, a flatulência, a apendicite crônica, entre outros (GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; BLACKWOOD, 1915; PHATAK, 1994; RETZEK, 1995; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007). Dessa forma tornou-se necessário uma compilação de dados, apesar da pouca quantidade de matéria produzida a esse respeito na literatura, a fim de estimular o estudo sobre esse medicamento que é uma peça coringa e um diferencial quanto à prática homeopática, tendo em vista que o medicamento apresenta forte ação no cansaço mental e depressão, podendo ser considerado então um recurso para casos onde o paciente apresenta-se sem esperança e desmotivado, auxiliando no processo de recuperação da doença beneficiando e confortando o paciente.

Esse trabalho objetivou compilar dentro do levantamento bibliográfico a cerca da utilização da alfafa, sua utilização na homeopatia a fim de identificar seus principais sintomas mentais e gerais para uma melhor prescrição homeopática e conseqüentemente, uma melhoria na qualidade de vida do paciente.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Na busca de literatura especializada, foram procuradas palavras chaves que pudessem auxiliar o levantamento bibliográfico. Utilizou-se a base de dados da National Center of Biotechnology Information (NCBI). Para iniciar a busca, houve necessidade de elencar os vocábulos chave para direcionamento da pesquisa, para tanto se pesquisou a palavra geral “homeopathy” dentro do Medical Subject Readings (MeSH), que é um sistema de metadados médicos em língua inglesa que se apoia nos sistemas “medline” e “pubmed” a fim de identificar palavras chaves para a pesquisa. Dessa forma, foram selecionados os vocábulos dentro da homeopatia, expressos na tabela 3 para a pesquisa. Para a alfafa, foi elencado seu nome científico “*Medicago sativa*” (RASSINI, FREITAS, 1998; RASSINI, 1998; COOK, 2005), seus nomes populares no Brasil e nos Estados Unidos, “*alfafa*” e “*alfalfa*” respectivamente (CORRÊA, 1984, TESKE, 1994, CORRÊA, 1998, SOARES, 2000, JESUS, 2009; COOK, 2005) e seu nome dentro da homeopatia “*alfalfa*” (SOARES, 2000):

Tabela 1: Vocábulos selecionados

Medicago Sativa	Alfalfa	Alfafa	Homeopathy
Homeopathic	Intoxication	Pathogenesis	Pharmacology
Veterinary	Adverse effects	Fatigue	Materiamedica
Biotypology	Basic homeopathic research	Clinical symptoms in homeopathy	
Pharmacodynamic action of homeopathic remedy	Medicamentous disease in homeopathy		

Na tabela 4 é possível observar como foi feito o levantamento de dados e o que foi encontrado. Essa tabela é composta pelo termo utilizado para a pesquisa, número total de artigos encontrados com as combinações de MeSH (Medical Subject Readings) selecionados, número de artigos que corresponderam aos objetivos da pesquisa, local pesquisado e o intervalo de anos entre as publicações encontradas:

Tabela 2: Combinações de MeSH, número de artigos total (A), número de artigos utilizados correspondentes ao objetivo da pesquisa (B), local da pesquisa (C) e intervalo de anos das publicações encontradas (D).

Termo Utilizado	A	B	C	D
Medicago sativa AND homeopathy	3	0	Pubmed Central	1991 – 2007
Medicago sativa AND homeopathic	11	0	Pubmed Central	1997 – 2014
Medicago sativa AND intoxication	7	0	Pubmed	1951 – 2013
Medicago sativa AND pathogenesis	1.901	0	Pubmed	1901 – 2014
Medicago sativa AND pharmacology	1.136	0	Pubmed	1957 – 2014
Medicago sativa AND veterinary	323	0	Pubmed	1964 – 2014
Medicago sativa AND adverse effects	229	3	Pubmed	1965 – 2014
Medicago sativa AND fatigue	13	0	Pubmed Central	1950 – 2014
Medicago sativa AND material medica	26	0	Pubmed Central	1966 – 2014
Medicago sativa AND biotypology	0	0	Alldatabases	-
Medicago sativa AND basic homeopathic research	5	0	Pubmed Central	2001 – 2014
Medicago sativa AND Clinical symptoms in homeopathy	0	0	All databases	-
Medicago sativa AND Pharmacodymanic action of homeopathic remedy	0	0	All databases	-
Medicago sativa AND Medicamentous disease in homeopaty	0	0	All databases	-
AlfalfaAND homeopathy	9	1	Pubmed Central	1984 – 2012
AlfalfaAND homeopathic	20	0	Pubmed Central	1975 – 2014
AlfalfaAND intoxication	14	1	Pubmed	1951 – 2013
AlfalfaAND pathogenesis	2.831	0	Pubmed	1954 – 2014
AlfalfaAND pharmacology	1.840	0	Pubmed	1957 – 2014
AlfalfaAND veterinary	737	0	Pubmed	1964 – 2014
AlfalfaAND adverse effects	354	1	Pubmed	1959 – 2014
AlfalfaAND fatigue	3	0	Pubmed	1998 – 2011
AlfalfaAND material medica	51	0	Pubmed Central	1916 – 2015
AlfalfaAND biotypology	0	0	All databases	-
Alfalfa AND basic homeopathic research	8	0	Pubmed	2001 – 2014
Alfalfa AND Clinical symptoms in homeopathy	0	0	All databases	-
Alfalfa AND Pharmacodymanic action of homeopathic remedy	0	0	All databases	-
Alfalfa AND Medicamentous disease in homeopaty	0	0	All databases	-
Alfafa AND homeopathy	0	0	All databases	-
Alfafa AND homeopathic	0	0	All databases	-

Alfafa AND intoxication	0	0	All databases	-
Alfafa AND pathogenesis	0	0	All databases	-
Alfafa AND pharmacology	9	0	Pubmed	1975 – 2013
Alfafa AND veterinary	2	0	Pubmed Central	1975 – 1980
Alfafa AND adverse effects	7	0	Pubmed Central	1975 – 2013
Alfafa AND fatigue	0	0	All databases	-
Alfafa AND material medica	0	0	All databases	-
Alfafa AND biotypology	0	0	All databases	-
Alfafa AND basic homeopathic research	0	0	All databases	-
Alfafa AND Clinical symptoms in homeopathy	0	0	All databases	-
Alfafa AND Pharmacodymanic action of homeopathic remedy	0	0	All databases	-
Alfafa AND Medicamentous disease in homeopaty	0	0	All databases	-

Dentro da terminologia “*Medicago sativa*”, foi possível encontrar 3.654 artigos no geral, dos quais nenhum tinha ligação direta com a homeopatia, apenas quatro artigos puderam ser selecionados por abordarem os efeitos tóxicos da alfafa.

Ao utilizar o termo “alfalfa” 5.867 artigos foram encontrados, infelizmente nenhum tinha ligação direta com a homeopatia, porém, novamente, dois novos artigos puderam ser selecionados por abordarem os efeitos tóxicos da planta (na tabela constam três artigos selecionados, porém um mesmo artigo apareceu quando a terminologia utilizada foi “alfafa AND adverse effects” e “medicago sativa AND adverse effects”, dessa forma foram contabilizados apenas dois novos artigos).

Ao empregar o termo “alfafa”, 18 artigos foram encontrados, porém nenhum correspondeu ao objetivo do trabalho.

Esse levantamento de artigos deixou clara a tímida pesquisa a que a alfafa está submetida dentro da homeopatia, dessa forma foi possível notar a importância dessa monografia dentro da homeopatia, por ser um trabalho pioneiro nessa abordagem e se dedicar a fazer a compilação e a análise dos dados obtidos a fim de melhorar a prescrição do medicamento e estimular futuras pesquisas a respeito dos sintomas homeopáticos em que a alfafa é capaz de atuar.

2.1 Estudo geral da planta *Medicago sativa*

Medicago sativa L. é o termo científico dessa planta da família das leguminosas, *Leguminosae*, sub-família *Papilonoideae*, popularmente designada por *alfafa*, originária da Ásia menor e sul do Cáucaso (RASSINI, FREITAS, 1998; RASSINI, 1998; COOK, 2005).

Foi uma das primeiras culturas forrageiras a serem domesticadas, é usada como forragem polivalente, capaz de ser utilizada tanto para pastagem como para conservação (feno, silagem, farelo e forragem desidratada). Pode ser semeada sozinha ou em misturas com gramíneas temperadas e tropicais. A semente também pode ser usada para o consumo humano como brotos (COOK, 2005).

Como sinonímia apresenta: *Medicago coerulea* L. Possui muitos nomes populares dependendo da região. Seguem exemplos listados abaixo (CORRÊA, 1984, TESKE, 1994, CORRÊA, 1998, SOARES, 2000, JESUS, 2009; COOK, 2005):

- No Brasil: alfafa, alfafa verdadeira, alfafa-de-flor-roxa, luzerna e alfafa de provença;
- Na Espanha: alfalfa, mielga, alfalfa de las arenas, alfalfa híbrida;
- Na Itália: erba medica, erba spagna e cedrangola;
- Na França: luzerne cultivée, luzerne bigarrée, luzerne intermédiaire;
- Na Inglaterra: alfalfa, bastard medic, sand lucerne, variegated lucerne;
- Na Alemanha: luzerne, bastard luzerne, sand luzerne;
- Em Portugal: luzerna e melga-dos-prados;
- Na Arábia: nefell;

- Na Índia: lasan-ghas;
- Nos Estados Unidos: alfalfa.

De acordo com o Dicionário de Medicamentos Homeopáticos (SOARES, 2000), dentro da homeopatia, o *Medicago sativa* possui como denominação “alfalfa” e abreviaturas como sendo “alfa”, “alfal” ou “alf”.

É considerada a “rainha das forrageiras” por produzir forragem tenra, succulenta, muito agradável e apetitosa aos animais, e com valores nutritivos cujos teores ultrapassam 20% de proteína bruta. Trata-se de uma planta de excelente adaptação ao ecossistema, sua principal característica é poder ser cultivada em quase todo o mundo. Embora, considerada típica de regiões de clima temperado, existem espécies como, por exemplo, a alfafa de flor amarela (*Medicago falcata*) do Alaska que sobrevive a temperaturas inferiores a -26°; e outras existentes no Vale da Morte da Califórnia (EUA), com temperaturas de até 54°C. Em decorrência do amplo sistema radicular da planta, que alcança profundidades de 7,5 a 9,0m., as características desejáveis do solo são de possuir boa profundidade, ser bem drenados e permeáveis, com valores de ph entre 6,5 e 7,5 (RASSINI, 1998).

O Hemisfério Norte, apresenta a maior produção mundial, com 10.500.000 de hectares (Estados Unidos), seguida pela ex-União Soviética com 3.300.000 hectares, depois o Canadá, com 2.500.000 e Itália com 1.300.000 hectares. No Hemisfério Sul o maior produtor é a Argentina com 7.500.000 hectares, seguida pela África do Sul, com 300.000, e por último Peru com 120.000 hectares. Desta forma mundialmente o maior produtor é os Estados Unidos. No Brasil existem cerca de 26.000 hectares de cultivo da alfafa. Nessa nação, sua introdução aconteceu primeiramente no Rio Grande do Sul a partir do Uruguai e Argentina. Atualmente, no Brasil, existecultivo de alfafa na região Sudeste e Centro-Oeste, devido à demanda da produção de bovino

de leite o que aumentou a produção de alimentos de elevado valor nutritivo. Os fatores que dificultam sua expansão no Brasil são o pouco conhecimento dos produtores das exigências do cultivo, preparação do solo, manejo, irrigação e principalmente limitada produção de sementes, e inexistência de combate às pragas e doenças. A alfafa necessita de solos com boa profundidade e permeabilidade; adubação orgânica com fósforo e potássio principalmente (RASSINI, 1998; EMBRAPA, 2003).

De acordo com a EMBRAPA (2003), a principal erva daninha que acomete cultivos de alfafa é a cuscuta (*Cuscuta spp.*). Se trata de um cipozinho amarelo esbranquiçado, que desenvolve pequenas saliências globulares que se prendem firmemente ao caule da alfafa. Dessas saliências são emitidos filamentos que penetram no tecido da planta e passam a parasitá-la por meio de sugamento até sua morte. A disseminação dessa erva daninha é feita por fragmentos tubérculos e sementes, podendo aniquilar o cultivo inteiro em pouco tempo. A única forma de controle é adquirir sementes certificadas quanto a ausência de cuscuta.

No Brasil, ainda não se tem o quadro definido do problema que as doenças podem causar à alfafa. No entanto, em algumas culturas pode-se observar murcha bacteriana (*Corynebacterium insidiosum*), antracnose (*Colletotrichum trifolii*), fusariose (*Fusariumsp.*), podridão das raízes (*Phytophthora megasperma*), rizoctonia (*Rhizoctonia solani*), pinta preta (*Pseudopeziza medicaginis*), ferrugem da folha (*Uromyces striatus*), mancha das folhas (*Cercospora medicaginis*) e mosaico da alfafa causado pelo pulgão, cujo agente causal é o vírus do mosaico da alfafa. Diversas pragas podem infestar e causar danos à cultura da alfafa, como a lagarta da soja (*Anticarsia gemmatalis*), a lagarta dos arrozais (*Spodoptera frugiperda*), o curuquerê dos capinzais (*Mocis latipes*), a lagarta mede-palmo (*Rachiplusia nu*), a lagarta da alfafa (*Colins lesbia pyrrhothea*), a lagarta elasmó (*Elasmo palpuslignosellus*), a

vaquinha (*Diabrotica speciosa*), vários pulgões (*Aphis glossypii*, *Acyrtosiphum pisum*) e outras (EMBRAPA, 2003). Na tabela 1 é possível observar os principais agentes causadores de afecções nas alfafas com os respectivos sintomas que a planta expressa.

Tabela 3: Principais agentes patogênicos, doenças e sintomas presentes na alfafa

Nome Agente	Doença	Sintomas na Alfafa
<i>Corynebacterium in sidiosum</i>	Murcha bacteriana	Raquíticas e cloróticas. Nas raízes: descoloração e formação de anéis amarelos ou marrons nos tecidos vasculares cortados. Folhas mais novas podem tornar-se ligeiramente mais curvadas ou totalmente retorcidas. O desenvolvimento da doença é afetado pelo estado nutricional da planta. Pode levar ao óbito (COELHO, MARQUES, MARTINS, 2004).
<i>Colletotrichum trifolii</i>	Antracnose	Varia de pequenos setores negros até lesões ovais, alongadas e afundadas, de cor marrom avermelhado. Sobre estas lesões podem aparecer pontos pretos. Produz o fungo da podridão negra na base dos caules, os fungos avançam até a raiz e podem levar a planta a óbito (HIJANO, NAVARRO, 1995).
<i>Fusarium sp</i>	Fusariose	Os caules murcham, as folhas perdem a cor e o turgor. É possível ver uma cor marrom avermelhada na raiz principal e nos vasos de condução (HIJANO, NAVARRO, 1995).
<i>Phytophthora megasperma</i>	Podridão das raízes	Amarelecimento e murchamento generalizado da planta (HIJANO, NAVARRO, 1995).
<i>Rhizoctonia solani</i>	Cancro radicular	Lesões escuras e afundadas produzindo o apodrecimento da raiz principal e seu desprendimento (HIJANO, NAVARRO, 1995).
<i>Pseudopeziza medicaginis</i>	Pinta preta	Manchas marrons ou negras de até 3mm de diâmetro, sendo observadas no lado superior das folhas uma formação semelhante a um minúsculo disco (HIJANO, NAVARRO, 1995).
<i>Uromyces striatus</i>	Ferrugem da folha	Pústulas sobre as folhas de marrom avermelhada e com forma circular, podendo ir até o caule. Pode causar desprendimento das folhas (HIJANO, NAVARRO, 1995).
<i>Cercospora medicaginis</i>	Mancha das folhas	Desfolhamento gerado a partir da base até a região apical. Provoca manchas ovais de cor marrom cercada por um alo amarelo. No caule se manifesta como manchas alongadas de cor marrom escuro (HIJANO, NAVARRO, 1995).
Vírus do mosaico da alfafa	Mosaico da alfafa	Manchas verde-amareladas que pode estar ou não acompanhadas de nanismo. Também é comum a presença de folhas ásperas caules grossos e encurtamento dos entrenós (HIJANO, NAVARRO, 1995).

Para RODRÍGUEZ et al, 2003, a alfafa, que vem sendo cultivada há 2000 anos, é uma das culturas forrageiras mais populares, não só pelas suas excelentes

qualidades nutricionais, mas por seu alto rendimento em quantidade e qualidade. Esta leguminosa tem uma antiga tradição de ervas. Os árabes chamavam “al-fal-fa”, que significa "pai de todos os alimentos", notando que o seu consumo pelos animais aumentou significativamente a força e a capacidade para o trabalho, possivelmente porque sua raiz penetra no solo mais a de nove metros de profundidade e pode atingir qualquer reserva de minerais e nutrientes inacessíveis à maioria das outras plantas, e resistir a seca extrema.

2.2 Características anatômicas do *Medicago sativa*

A alfafa é uma planta perene com profunda raiz principal. O caule é ereto, decorrente de uma base amadeirada, 30-80 (-120) cm de comprimento (figura 01). Folha trifoliolada; estípulas triangulares com 5-15 mm de comprimento (figura 02). As inflorescências ocorrem em aglomerados densos com 10-35 flores em hastes de 1-5 cm de comprimento (figura 03 e 04); pedicelos 1,5-2 mm de comprimento; cálice 5 lóbulos, 3-6 mm de comprimento, em forma de tubo e sobre os dentes pontudos de mesmo comprimento; coloração roxo ou azul, raramente branco (figura 05). Vagens enrolados com 10,3 mm de diâmetro, não espinhosas, contendo 2-6 sementes. Semente amarela amarronzada, em forma de rim ovoide com 1-2,5 mm x 1-1,5 mm (figura 06 e figura 07) (COOK, 2005; CEBRIÁN, 2014). Na descrição de JESUS (2009), a Alfafa é tem raízes compridas, medindo cerca de 5 a 10 metros.

Esta erva se propaga melhor em solos neutros (pH=7), não se desenvolvendo bem em solos encharcados. Adapta-se bem aos climas temperado, subtropical e tropical. É sabido que esta planta fornece alimentação de primeira qualidade ao gado bovino, equinos e ovinos em que até se observa um aumento da lã comparado a animais que são alimentados com outras leguminosas (COOK, 2005; JESUS, 2009). Um exemplo de um cultivo de alfafa pode ser observado na figura 08.



Figura 1: Caule da alfafa. (Disponível em: <<http://www.delange.org/Alfalfa/Alfalfa.htm>>)



Figura 2: Folhas de alfafa. (Disponível em: <<http://www.oshims.com/herb-directory/a/alfalfa>>)



Figura 3: Flor da alfafa. (Disponível em: <<http://www.delange.org/Alfalfa/Alfalfa.htm>>)



Figura 4: Inflorescências de alfafa. (Disponível em: <<http://www.delange.org/Alfalfa/Alfalfa.htm>>)



Figura 5: Coloração da alfafa. (Disponível em: <http://www.anpc.ab.ca/wiki/index.php/Medicago_o_sativa>)



Figura 6: Sementes de alfafa. (Disponível em: <http://www.anpc.ab.ca/wiki/index.php/Medicago_sativa>)



Figura 7: Flor e semente de alfafa (COOK, 2005)



Figura 8: Cultivo de alfafa. (Disponível em: <http://www.delange.org/Alfalfa/Alfalfa.htm>)

2.3 Composição Nutricional do *Medicago sativa*

Estudos apresentados por BLACKWOOD (1915), DUKE (1992), BERDONCES (1999), RODRIGUEZ e colaboradores (2003), apontam composição nutricional da alfafa de acordo com o exposto abaixo:

- Sais minerais (10%): cálcio, ferro, potássio, fósforo, manganês, sódio, silício, magnésio, zinco, selênio, cobre, molibdênio, cobalto.
- Vitaminas: vitamina C, caroteno (pró-vitamina A), a vitamina K, a vitamina D, vitamina E, vitaminas B1, B2, B6 e B12, niacina, ácido pantoténico, ácido fólico, colina e L metilmetionina ou vitamina.
- Proteínas (10 - 20%)
 - Enzimas: lipase, amilase, pectinase, emulsin, peroxidase, invertase, coagulase e erepsin.
 - Fitoestrogênios: isoflavonas, coumestrol.
 - Taninos
 - Saponosides
 - Phytosterols

- Fosfolípidos, tais como lecitina
- Traços de alcalóides, nas sementes

De acordo com COOK e colaboradores (2005), a alfafa apresenta elevados níveis de proteína e de cálcio quando comparada a outras forragens, mas a energia metabolizável e os níveis de fósforo são baixos. A energia metabolizável e os níveis de fósforo são bons no crescimento da planta, mas caem rapidamente conforme a folhagem amadurece.

A alfafa possui elevados índices de vitaminas K, E, D e A, minerais como ferro, cálcio, zinco e fósforo, saponinas e isoflavonas (CEBRIAN, 2014).

2.4 Características Medicinais: Fitoterapia e Efeitos Tóxicos

2.4.1 Fitoterapia

Na fitoterapia a Alfafa vem sendo utilizada pelos chineses desde o século VI para combater distúrbios digestivos e dores nos rins. Ele é usado como um tônico natural para estados de fraqueza, anemia e fadiga física, bem como em estados que necessitam de uma oferta adicional de vitaminas. Promove a recuperação após a doença e ajuda a restaurar o apetite.

As principais indicações são:

- Anemia (principalmente aquelas motivadas por deficiências vitamínicas ou minerais) (DUKE, 1992; BERDONCES, 1998; RODRÍGUEZ et al, 2003; JESUS, 2009);
- Fadiga (DUKE, 1992; BERDONCES, 1998; RODRÍGUEZ et al, 2003; JESUS, 2009);
- Escorbuto (JESUS, 2009);
- Raquitismo (JESUS, 2009);
- Osteoporose (DUKE, 1992; BERDONCES, 1998; RODRÍGUEZ et al, 2003; CEBRIÁN, 2014);
- Antiartrítica (DUKE, 1992; BERDONCES, 1998; RODRÍGUEZ et al, 2003);
- Arteriosclerose (DUKE, 1992; BERDONCES, 1998; RODRÍGUEZ et al, 2003);
- Falta de apetite (JESUS, 2009);
- Hemorragias: capilares, nasais, gástricas, retais, entre outras (DUKE, 1992; BERDONCES, 1998; RODRÍGUEZ et al, 2003; JESUS, 2009; CEBRIÁN, 2014);
- Antiulcerante (DUKE, 1992; BERDONCES, 1998; RODRÍGUEZ et al, 2003);
- Consolidação de fraturas (DUKE, 1992; BERDONCES, 1998; RODRÍGUEZ et al, 2003; JESUS, 2009);
- Transtornos relacionados com a menopausa (DUKE, 1992; BERDONCES, 1998; RODRÍGUEZ et al, 2003; JESUS, 2009; CEBRIÁN, 2014);
- Remineralizante (DUKE, 1992; BERDONCES, 1998; RODRÍGUEZ et al, 2003; JESUS, 2009);
- Proteinizante (DUKE, 1992; BERDONCES, 1998; RODRÍGUEZ et al, 2003);

- Dislipidemia (redução dos níveis de colesterol total) (DUKE, 1992; BERDONCES, 1998; RODRÍGUEZ et al, 2003).

GIMENES, 2014 descreve em seu livro sobre fitoenergética o uso da Alfafa de acordo com o chakra de atuação, a polaridade, o caráter energético e a função, conforme se observa abaixo:

- Chakras de atuação: Todos (básico, sacro, umbilical, cardíaco, laríngeo, frontal e coronário)
- Polaridade: Yin
- Caráter energético: Condutor
- Função: Ajuda a apaziguar e equilibrar os sentimentos alterados e trazer a pessoa para seu eixo e essência. Embora sua polaridade seja yin, é um vegetal que nem estimula nem acalma, mas equilibra. Ajuda a pessoa a discernir e ponderar em todas as situações. Indicado contra crises existenciais ou de identidade.

2.4.2 Efeitos Tóxicos

Na literatura compilaram-se em CORRÊA (1984), TESKE (1994), CORRÊA (1998), CHALUT (1999), SOARES (2000), JESUS (2009) as toxicidades e/ou contraindicações desta planta observadas devido à riqueza em vitamina K, dessa forma, quando utilizada em fitoterapia há necessidade de se realizar testes de coagulação antes da prescrição como suplemento. Existem relatos de casos de

intoxicação por ingestão de sementes de alfafa acarretando em esplenomegalia e a reativação do lúpus eritematoso sistêmico. Ambos os efeitos são atribuídos à canavanina, encontrada nas sementes (MALINOW, 1982; BROWN, 2000).

Um estudo muito interessante foi realizado por Jonker e colaboradores no Instituto do Câncer em Netherlands (Amsterdam) publicado em 2002, nesse estudo os pesquisadores relatam que a proteína BCRP (Proteína de Resistência ao Câncer de Mama) está presente em locais estratégicos do corpo, tais como no intestino, na barreira hemato-encefálica e na placenta, protegendo o organismo ao limitar a penetração e toxicidade sistêmica de tecidos, ela transporta fármacos anticancerígenos, provocando, assim, a resistência a múltiplos fármacos em células cancerígenas. Em suas experiências científicas, os pesquisadores inibiram a BCRP em ratos, dessa forma perceberam que houve uma melhor absorção e penetração dos locais onde a BCRP agia por quimioterápicos, porém, o que não era esperado é que associado a essa inibição houvesse uma toxicidade. Nesse estudo eles buscaram identificar ao que o organismo se torna sensível, dessa forma ao inibirem a BCRP em camundongos perceberam uma notável sensibilidade para a clorofila da dieta, apresentando distúrbios metabólicos frequentes, associados a essa fotossensibilidade da pele. A fotossensibilização dependente da dieta é comum e pode ser causada por uma variedade de produtos químicos, incluindo drogas e pesticidas, mas também por toxinas naturais derivados de plantas e fungos. Os pesquisadores comentam o fato de que a fotossensibilização em bovinos é relatada com frequência e é muitas vezes associada com a ingestão de alfafa. Porém, a fototoxicidade tem sido atribuída aos produtos de conversão bioquímica ou micotoxinas gerados quando a alfafa é armazenada e fica úmida. Os cientistas então foram pesquisar o que realmente poderia causar essa fotossensibilização, assim a principal planta presente na dieta

dos ratos desse estudo era composta por alfafa. Observaram através de experimentos, que camundongos alimentados com a quantidade normal de alfafa não apresentavam fotossensibilidade, porém os camundongos que foram superalimentados com alfafa, apresentaram essa reação.

Através desse estudo pode-se sugerir que se a alfafa é capaz de causar essa reação tóxica de fotossensibilidade em organismos cuja proteína BCRP não esteja em pleno funcionamento.

COOK e colaboradores (2005) relatam que os sintomas de intoxicação por alfafa podem ser o timpanismo, ou seja, flatulência ou excesso de gases abdominais e enterotoxemias.

2.5 O *Medicago sativa* dentro da homeopatia

De acordo com o dicionário de medicamentos homeopáticos (SOARES, 2000), a alfafa é classificada como medicamento menor, possui abreviação como sendo “alfa”, “alfal” ou “alf” e denominação homeopática como “alfalfa”. Nesse dicionário, não consta onde é possível encontrar a experimentação patogénica. A parte utilizada para a produção do medicamento é a planta toda florida e fresca, folhas e brotos secos colhidos no início da floração, a planta toda excluindo a raiz, ou só as flores. Deve possuir título de etanol: 55%, 63%, 80%, 65% e resíduo seco: > 1,0%.

A alfafa parece ser pouco utilizada dentro da homeopatia no Brasil, conforme pode ser observado em um levantamento de dados feito sobre os principais

medicamentos homeopáticos utilizados no estado do Rio de Janeiro (SANTOS et al, 2002), no laboratório de homeopatia da farmácia universitária da Universidade Federal Fluminense entre os anos 2001 e 2002. Foi observado que num total de 100 medicamentos indicados, a alfafa ficou em 76º posição, sendo prescrita apenas 20 vezes, num total de 4.700 prescrições. A fim de comparação, os medicamentos mais prescritos por ordem foram: *Arnica montana* (186), *Passiflora alata* (135), *Pulsatillanigricans* (131), *Nux vômica* (123), *Rhustoxicondendron* (108), *Valeriana officinalis* (104), *Histaminum* (95), *Hydrastiscanadensis*(94), *Thuyaoccidentalis* (92), *Ignatia amara* (91) e *Lycopodiumclavatum* (87).

2.5.1 Estudo sobre a experimentação do *Medicago sativa*

O único estudo encontrado que aponta a experimentação da alfafa e a descrição de seus sintomas foi o de Edward Pollock Anshutz, publicada em 2 de janeiro de 1900 no livro “New, old and forgotten remedies” na Philadelphia, cuja pesquisa foi apresentada ao “Bureau of Materia Medica of the American Institute of Homeopathy” em Chicago, no ano de 1915 pelo cientista Alexander L. Blackwood.

Esse estudo fez a experimentação de tintura mãe da alfafa em 17 pessoas, em diluições que variaram de 3 DH a 30 DH, sendo que os sintomas foram melhor observados quando na 3 DH (BLACKWOOD, 1915). A experimentação mostrou sintomas que podem ser utilizados na fitoterapia (o autor relata oito casos clínicos comprovando efeitos na fitoterapia) e na homeopatia, onde os sintomas podem ser

utilizados homeopaticamente de acordo com o princípio da semelhança do medicamento homeopático quando administrado em baixas potências (Organon parágrafos 22, 34, 48). Os sintomas observados e descritos nesse estudo apresentam-se listados abaixo:

- Mental: limpo e claro. O remédio, enquanto administrado traz uma alegria por se sentir vivo. Todas as funções corporais parecem ser estimuladas. Com grandes doses, os experimentadores se sentiam lentos, sonolentos, sem brilho, estúpido, com pensamento devagar, irritável, com piora a noite.
- Cabeça: dor no lado esquerdo da cabeça, com maçante sensação de peso começando as 14:00 horas e aumentando gradualmente até as 18:00 horas, com início na região occipital, tornando-se violenta.
- Olhos: dor nos olhos e acima deles.
- Ouvidos: trompas de Eustáquio se fecham a noite, mas se abrem pela manhã.
- Face: corado
- Boca: sensação adstringente peculiar ao tomar o medicamento.
- Apetite: muito maior, chegando a ser voraz. Sensação de fome o tempo todo. Deve parar e comer algo no meio da manhã. Desejo de doces. Provadores com fome o tempo todo e comendo muito mais vivamente do que o habitual. “Eu(*pesquisador*) como regularmente um café da manhã leve, mas ao tomar o medicamento, fui capaz de comer mais do que o habitual. Foi observado um aumento semelhante no apetite para outros alimentos também. A digestão foi muito boa, embora eu tenha comido mais do que o normal, a comida foi bem digerida e não me causou indigestão. Normalmente se eu comer demais em duas ou três refeições, me sinto estufado e perco o apetite, ficando sem comer

uma ou duas refeições, apenas comendo pão e limonada. Mas com esse medicamento, pude comer além da refeição mais um pão. De vez em quando tive cólica por gases. Tive dores agudas que iam e vinham, cerca de 3 horas após a refeição. No entanto, não havia eliminação dos gases.”

- Abdômen: distendido, com gases nos intestinos, dor na linha do cólon. Sintomas este sentido por sete experimentadores. Dor abdominal.
- Fezes: intestino distendido. Diarreia, dor acompanhada de flatos e ardor. Fezes moles e amarelas. Mais frequentes que o habitual (duas ou três vezes ao dia).
- Urina: grande aumento da quantidade. Aumento de “indican” quando o medicamento foi administrado em grandes doses. Fosfatos aumentados. Durante a administração do medicamento foi medida a densidade da ureia na urina dos experimentadores todos os dias. Durante vários dias a densidade era de 10,08 a 10,10 e a ureia aparecia com 15 gramas por litro (g/l). Estes números aumentaram gradualmente até que, depois de tomar o medicamento por aproximadamente 15 dias, a densidade chegou a 10,20 e a ureia chegou a 25g/l. Estes números se mantiveram durante vários dias, diminuindo posteriormente para 10,15 de densidade e 20g/l de ureia, ainda que os experimentadores continuassem tomando altas doses do medicamento.
- Mulher: aumento da libido. Período menstrual de exatos 28 dias. Sendo que nos últimos seis meses, ela variava entre 24 a 25 dias. Não houve diferença no fluxo.
- Sono: Muito bom. Melhor do que o habitual, no início da noite.

Nessa mesma pesquisa, BLACKWOOD (1915) relata os sintomas que cobaias apresentaram ao ser administrado uma colher de infusão de alfafa, duas vezes por

dia. Esses sintomas podem ser utilizados de forma homeopática seguindo o princípio da semelhança. No estudo, foram observados e descritos os seguintes sintomas:

- As cobaias choram por comida e água desde que começaram a consumir a alfafa, elas comem o dobro da quantidade de comida que as outras cobaias comem;
- Elas bebem muito mais água do que as cobaias que não consomem a alfafa;
- Aqueles alimentados com a alfafa aparentemente urinam mais do que aqueles que não;
- As excreções intestinais de cobaias alimentadas com ele são mais suaves e mais serosas do que as excreções intestinais dos que não são alimentados com alfafa;
- A alfafa aparentemente atua sobre a mucosa intestinal como um laxante e atua no epitélio do rim como um diurético.

2.5.2 Matéria Médica Homeopática

A fim de identificar como a patogenesia da alfafa é abordada dentro das principais matérias médicas homeopáticas, realizou-se um levantamento de literatura, onde foram consultadas 42 matérias médicas homeopáticas conforme listadas abaixo:

1. Homeopathic Remedies: an Illustrated Guida. Carolus Linnaeus, 1730.
2. Text Book of Materia Medica. Adolph Lippe. Philadelphia, 1865.

3. Homeopathic Materia Medica. Carroll Dunham. New York: Homeopathic Medical College, 1878.
4. Condensed Materia Medica. Constantine Hering. 4^aed. Revised, Philadelphia: E. A. Farrington, 1888.
5. Homeopathic Materia Medica. Ernest A. Farrington. 2^aed. Philadelphia: Hahnemann Medical College, 1890.
6. Regional Leaders. Eugene Beauharnais Nash. B. Jain Publishers PVT. LTD., 1901.
7. Joyaux de la Matière Médicale Homéopathique. Melfor Eugene Douglass. Baltimore, 1903.
8. Boennighausen's Characteristics Materia Medica & Repertory. Cyrus Maxwell Boger. Germany: Narayana Verlag, 1905.
9. The guiding symptoms of four material medica. Constantine Hering. New Delhi: B. Jain Publisher, 1971.
10. The Encyclopedia of Pure Materia Medica. Timothy Field Allen. New Delhi: Jain Publisher, 1982.
11. Manual de Matéria Médica para o Clínico Homeopata. H. Voisin. 2^aed. São Paulo: Andrei ed, 1984.
12. Matière Médicale Homeopathique. Michel Guermonprez; Madeleine Pinkas; Monique Torck. 2^aed. Paris: Doin Éditeurs, 1985.
13. Tratado de Matéria Médica homeopática. Léon Vannier e Jean Poirier. Tradução Zilda Barbosa Antony e Lauro Santos Blandy, 9^aed. São Paulo: Organização Andrei Editora LTDA., 1987.
14. Boenninghausen's characteristics and repertory. New Delhi: B. Jain Publishers Pvt. Ltd., 1992.

15. Retratos dos Medicamentos Homeopáticos. James Tyler Kent. São Paulo: Livraria Santos Editora, 1992.
16. Retratos de Medicamentos Homeopáticos. Margareth L. Tyler. 1ªed. São Paulo: Organon, 1992.
17. Matéria Médica Homeopática IBEHE. Carlos Brunini. Editora Mythos, 1992.
18. Geografia Homeopática. Robert Dufilho. 1ªed. São Paulo: Organon, 1994.
19. Materia Medica de Medicinas Homeopaticas. Phatak S. R.. Tradução espanhol Martha Taylor de Zorrila. 2ª ed. Guadalajara: B. Jain Publishers PVT. LTD., 1994.
20. The complete Materia Medica mind, based on Roger Van Zandvoort's The Complete Repertory mind by Heli O. Retzek. The Netherlands: Institute for Research in Homeopathic Information and Symptomatology Delfsekade, 1995.
21. Manual de matéria médica homeopática: os sintomas guia e característicos dos principais medicamentos (clínicos e patogênicos). William Boerick. Traduzido por Alvaro Mesquita Junior, São Paulo: Robe Editorial, 1997.
22. Matéria Médica Homeopática Explicada – Dra. Anna Kossak-Romanach. G. Charette. 2ªed. São Paulo: Organon, 1998.
23. Dicionário de material médica homeopática. John Henry Clarke. Traduzido por Gilson Teixeira Freire. São Paulo: Editorial Homeopática Brasileira, 1998.
24. Homeopatia Veterinária: semiologia, matéria médica e psicossomática. Ana Regina Torro. 1ªed. São Paulo: Typus, 1999.
25. Patogenesia Brasileira. Benoit Mure. 1ªed. São Paulo: Organon, 1999.
26. Guia Terapêutico Homeopático. Eugene Beauharnais Nash. Tradução Ademar Valadares Fonseca 1ªed. Rio de Janeiro: Luz Menescal, 1999.

27. Sintomas Chave da Matéria Médica Homeopática. Henry Clay Allen. 2ªed. São Paulo: Organon, 2000.
28. Fichas de matéria médica homeopáticas: o piano homeopático. Robert Dufilho. Compilação: Dr. Jean Belley. Tradução para o português por Dr. Cláudio Roitman. Editora Organização Andrei Editora LTDA, 2000.
29. Matéria Médica Homeopática – Alvos Específicos. Max Tetau. 1ªed. São Paulo: Organon, 2000.
30. Matéria médica mexicana. Fernando Dario François-Flores. México D. F.: Biblioteca de Homeopatia de México A.C., 2000
31. Matéria médica. James Tyler Kent. Tradução Angela Moscoso, prefácio de Paulo Rosenbaum. Rio de Janeiro: Luz Menescal, 2002.
32. Matéria Médica Pura. Christian Friedrich Samuel Hahnemann. Tradução José Alberto Moreno. 2ª ed. Minas Gerais: Editora Hipocrática Hahnemanniana, 2002.
33. Tratado de matéria médica homeopática. Bernardo Vijnovsky. Tradução Heloísa de Macedo. São Paulo: Organon, 2003.
34. Fáceis, simples e destacados sintomas dos medicamentos. Pravin B. Jain. 2ª ed. São Paulo: Organon, 2004.
35. Matéria Médica Clínica. Gheorghe Bungetzianu; Gheorghe Jurj. 1ªed. São Paulo: Organon, 2004.
36. Estudos de matéria médica homeopática. Dr. J. A. Lathoud. Tradução Heloisa Helena de Macedo. 2ªed. São Paulo: Editora Organon, 2004.
37. Sintomas Característicos da Matéria Médica Homeopática. Barbara Susanne Metzner. 1ªed. São Paulo: Organon, 2006.

38. A Synoptic Key of The Materia Medica. Cyrus Maxwell Boger. B. Jain Publisher, 2007.
39. Guia de medicina homeopática. Dr. Nilo Cairo. Revista e aumentada pelo Dr. A. Brickmann. 24ª ed. Editora Livraria Teixeira, 2007.
40. Farmacologia e material medica homeopática. D. Demarque, J. Jouanny B. Poitevin, Y. Saint-Jean. Tradução de Cláudio Roitman e Francisco José de Freitas. São Paulo: Organon, 2009.
41. Materia Medica Homeopática. J. A. Lathoud. 3ª ed, São Paulo: Organon, 2010.
42. General Analysis. Cyrus Maxwell Boger. Germany: Lieth, 2013.

Dentro dessas 42 matérias médicas homeopáticas, apenas sete apresentaram a patogenesia da alfafa. Porém, é possível observar indicações fitoterápicas e homeopáticas descritas juntas. Assim, foi feita uma listagem das matérias médicas homeopáticas com suas respectivas patogenesias da alfafa.

1. Matiere Medicale Homeopathique. Michel Guermonprez; Madeleine Pinkas; Monique Torck. 2ªed. Paris: DoinÉditeurs, 1985.

- Indicação: remédio com limitada ação tônica, remineralizante e estimulante. Astenia cerebral e física. Fadiga mental com tristeza, nervosismo. Insônia, cérebro cansado. Fosfatúria, poliúria. Baixa produção de leite.
- Comentários e comparações: Ele é usado em doses ponderáveis (1DH 3 DH). Segundo o autor, a sua composição justifica o uso como um estimulante ou sedativo, sendo frequentemente associada com *Avena sativa* que contém saponinas de natureza esteroidais que complementa a sua ação.

2. Materia Medica de Medicinas Homeopaticas. Phatak S. R..Tradução espanhola Martha Taylor de Zorrila. 2ª ed. Guadalajara: B. Jain Publishers PVT. LTD., 1994.

- Segundo o autor, este medicamento influencia favoravelmente a nutrição e é considerado como um tônico; o apetite e a digestão melhoram, o vigor físico e o mental retornam, com ganho de peso; é considerado pelo autor um remédio útil para a neurastenia, melancolia, nervosismo e insônia; aumenta o tecido adiposo e corrige desgaste de tecido; aumenta a qualidade e quantidade de leite em mães que estão amamentando. Clinicamente influencia favoravelmente na diabetes insípida e na fosfatúria; acalma a irritabilidade vesical na hipertrofia prostática.
- De acordo com o autor, devem ser administradas 5-10 gotas, várias vezes ao dia.

3. The complete Materia Medica mind, based on Roger Van Zandvoort's - The Complete Repertory mind by Heli O. Retzek. The Netherlands: Institute for Research in Homeopathic Information and Symptomatology Delfsekaade, 1995.

- Nenhuma rubrica para remédio único, 9 rubricas comuns.
- Rubricas comuns: sonhos; causas emocionais, a partir de. Estupidez, lentidão, dificuldade de pensar e compreender. Euforia. Hipocondria. Irritabilidade. Taciturno, zangado, inquieto, mal humor, rabugento. Prostração mental, cansaço mental, fadiga cerebral. Tristeza, desânimo, abatimento, depressão mental, escuridão, melancolia. Trabalho; aversão a mental.

4. Manual de matéria médica homeopática: os sintomas guias e característicos dos principais medicamentos (clínicos e patogênicos). William Boerick. Traduzido por Alvaro Mesquita Junior, São Paulo: Robe Editorial, 1997.

- Pela sua atuação sobre o simpático, a alfafa influencia favoravelmente a nutrição, evidenciado pela melhora do apetite e da digestão, resultando em vigor físico e mental muito aumentados, com aumento de peso. As perturbações caracterizadas pela má-nutrição são as principais dentro da sua faixa terapêutica, por exemplo: neurastenia, melancolia esplâncnica, nervosismo, insônia, indigestão nervosa, etc. Atua como produtor de gordura, corrige a devastação dos tecidos. Lactação deficiente. Melhora a qualidade e a quantidade do leite das mães. Sua ação pronunciada sobre a urina sugere-o clinicamente no diabetes insípido e na fosfatúria; e afirma-se que alivia a irritação da bexiga devido a hipertrofia da próstata. A diátese reumática parece especialmente indicada para sua ação.
- Mentais: induz alegria e jovialidade sensação de bem-estar, clara e radiante dissipando todas as tristezas. Apático, sonolento, estúpido; desanimado e irritado, piora ao anoitecer.
- Cabeça: apática com sensação de peso no occipital, nos olhos e sobre eles. Piora ao anoitecer. Dor do lado esquerdo da cabeça. Cefaleia violenta.
- Ouvidos: sensação de entupimento nas trompas de Eustáquio à noite, desobstruídas pela manhã.

- Estômago: sede aumentada. Apetite perturbado, mas principalmente aumentado mesmo até a bulimia. Tem que comer com frequência, por isso não pode esperar as horas normais das refeições; fome antes do meio dia [Sul]. Belisca a comida e tem desejo de doce.
- Abdômen: flatulência com distensão. Dor flatulenta móvel ao longo do cólon, muitas horas depois das refeições. Fezes dolorosas, amarelas, soltas e frequentes, com queimação pela flatulência. Apendicite crônica.
- Urina: rins inativos; urgência frequente para urinar. Poliúria. Eliminações de ureia aumentada, indican e fosfatos.
- Sono: dorme melhor que o usual, especialmente de manhã cedo; induz a um sono quieto, repousante e recuperador.
- Relacionamento: Comparar com: Avena Sat; Dispodium punct; Gels.; Hydro.; Kaliphos.; Phos. As.; Zinc.
- Dose: os melhores resultados são obtidos com doses materiais (5 a 10) gotas de tintura, várias vezes por dia. Continuar seu uso até que apareçam seus efeitos tônicos.

5. Fichas de matéria médica homeopáticas: o piano homeopático. Robert Dufilho. Compilação: Dr. Jean Belley. Tradução para o português por Dr. Cláudio Roitman. Editora Organização Andrei Editora LTDA, 2000.

- Indicação: fortifica o ânimo fornece vigor físico com ganho de peso; neurastenia, nervosismo, insônia, má digestão de origem nervosa; volta a dar bom apetite e melhora a digestão; sede aumentada; apetite exagerado até a bulimia; leite insuficiente nas mulheres que amamentam; deve comer

frequentemente não pode esperar a hora da refeição; poliúria; desejos frequentes de urinar.

- Doses: 5 a 10 gotas da tintura mãe, várias vezes ao dia. Continuar até que se obtenha este resultado: volta da força e da vitalidade.
- Clínica: lactação insuficiente (tintura mãe ou 1DH), diabetes.
- Nota do autor: deve-se, então, destacá-lo como um remédio possível na diabete e como um remédio que parece notável e excelente.

6. Tratado de matéria médica homeopática. Bernardo Vijnovsky. Tradução Heloísa de Macedo. São Paulo: Organon, 2003.

- Sintomas mentais: Perturbado, sonolento, torporoso; triste, irritável, piora ao anoitecer. A administração do medicamento dissipa essa situação e provoca um estado de bem estar geral e alegria, o paciente se sente desenvolvido.
- Sintomas gerais: Em casos de deficiência nutricional, com emagrecimento, especialmente de origem nervosa (nervosismo, insônia, indigestão, etc). Sua administração corrige esta situação, convertendo-se em um “fat producer” (produtor de gordura), uma vez que melhora o apetite e a digestão e aumenta o peso.
- Desejos e aversões: Desejos de doces
- Sintomas locais: Peso e atordoamento na região occipital e a cima dos olhos, pior ao anoitecer. Cefaleias violentas, piores do lado esquerdo. Sensação de obstrução nas Trompas de Eustáquio à noite; desobstruem pela manhã. Sede intensificada. Apetite diminuído, podendo chegar a bulimia; precisa comer frequentemente não consegue esperar até os horários de refeição; faminto

antes do meio dia. Flatulência com distensão abdominal; dores erráticas ao longo do cólon, várias horas após de comer. Apendicite crônica. Fezes frequentes, moles, amarelas, com dores, ardor anal e flatos. Lactação deficiente: aumenta a quantidade e qualidade do leite. Desejo frequente de urinar, poliúria, diabetes insípidas. Irritabilidade vesical na hipertrofia de próstata. Fosfatúria. Indicanúria. Pode aumentar a eliminação de ureia. Pode induzir a um sono tranquilo e renovador.

- Nota do autor: Os melhores resultados (Boerick) são obtidos ministrando 5 a 10 gotas da tintura várias vezes ao dia e continuando até a obtenção de resultados.

7. Guia de medicina homeopática. Dr. Nilo Cairo. Revista e aumentada pelo Dr. A. Brickmann. 24ª ed. Editora Livraria Teixeira, 2007.

- Medicamento que age sobre o simpático, influenciando as ações reguladoras do anabolismo, aumentando o apetite e dando certo vigor físico e mental. Sarcótico. Lactação deficiente. Melhora o leite da nutriz em qualidade e o aumenta. Fosfatúria. Diabete insípidas. Apendicite crônica. Desejo frequente de urinar. Poliúria. Aumento da eliminação da ureia e dos fosfatos.
- Dose: 5 gotas da tintura mãe, 4 a 5 vezes por dia.

De acordo com as matérias médicas homeopáticas que continham a patogenesia da alfafa (GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; PHATAK, 1994; RETZEK, 1995; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007) e o estudo sobre a experimentação da mesma em humanos e cobaias (BLACKWOOD, 1915), foi

feita uma compilação dos sintomas comuns apresentados com suas utilizações dentro da homeopatia, e os autores que os citam, conforme expresso na tabela 02:

Tabela 4: Compilação dos sintomas comuns da alfafa apresentados nas matérias médicas homeopáticas, com suas utilizações dentro da homeopatia, e os autores que os citam.

Capítulo	Sintoma	Autor
Mental	Lentidão; pensamento devagar; astenia cerebral; debilidade mental; taciturno; prostração mental; torporoso	BLACKWOOD, 1915; GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; PHATAK, 1994; RETZEK, 1995; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003.
	Sonolência	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Sem brilho; escuridão	BLACKWOOD, 1915; RETZEK, 1995.
	Estúpido	BLACKWOOD, 1915; RETZEK, 1995; BOERICK, 1997.
	Tristeza	GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Irritabilidade; zangado	BLACKWOOD, 1915; RETZEK, 1995; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Nervosismo	GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; PHATAK, 1994; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000.
	Melancolia	PHATAK, 1994; RETZEK, 1995; BOERICK, 1997.
	Dificuldade de pensar e compreender	RETZEK, 1995.
	Inquieto	RETZEK, 1995.
	Mau-humor; rabugento	RETZEK, 1995.
	Desânimo	RETZEK, 1995; BOERICK, 1997.
	Abatimento; apatia	RETZEK, 1995; BOERICK, 1997.
	Depressão	RETZEK, 1995.
	Euforia	RETZEK, 1995.
	Trabalho, aversão a mental	RETZEK, 1995.
	Perturbado	VIJNOVSKY, 2003.
Hipocondria	RETZEK, 1995.	
Piora a noite	BLACKWOOD, 1915;	

		BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
Cabeça	Cefaleia violenta	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997.
	Lado esquerdo	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997.
	Sensação de peso	BLACKWOOD, 1915.
	Começando às 14hrs e aumentando gradualmente até às 18hrs	BLACKWOOD, 1915.
	Dor com início na região occipital	BLACKWOOD, 1915.
	Apática com sensação de peso no occipital, nos olhos e sobre eles; peso e atordoamento na região occipital e a cima dos olhos	BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Pior ao anoitecer	BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
Olhos	Dor nos olhos	BLACKWOOD, 1915.
	Dor em cima dos olhos	BLACKWOOD, 1915.
Ouvidos	Trompas de Eustáquio se fecham a noite, mas se abrem pela manhã.	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
Abdômen	Distendido	BLACKWOOD, 1915.
	Presença de gases nos intestinos	BLACKWOOD, 1915.
	Cólica por gases	BLACKWOOD, 1915.
	Dor na linha do cólon	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Dores agudas intermitentes após três horas da última refeição; dor muitas horas após refeição	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Sem eliminação de gases	BLACKWOOD, 1915.
	Flatulência com distensão	BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Apendicite crônica	BOERICK, 1997; CAIRO, 2007.
Alimentação	Desejo doce	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Polidipsia	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003.
	Fome aumentada; deve comer frequentemente, não pode esperar horário da refeição	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003.
	Fome antes do meio dia [Sul]	BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Melhora nutrição; melhora digestão dos alimentos; com ganho de peso/aumento de tecido adiposo; astenia física; vigor físico	GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; PHATAK, 1994;

		BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007.
	Bulimia	BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003;
Fezes	Intestino distendido	BLACKWOOD, 1915.
	Diarreia; fezes frequentes	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Fezes com dor acompanhada de flatos e ardor	BLACKWOOD, 1915; VIJNOVSKY, 2003.
	Fezes com dor	BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Queimação pela flatulência	BOERICK, 1997.
	Moles	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Amarelas	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
Urina	Indicans	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Fosfatos	BLACKWOOD, 1915; GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; PHATAK, 1994; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007.
	Poliúria	BLACKWOOD, 1915; GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007.
	Urgência para urinar; desejo frequente de urinar	BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; CAIRO, 2007.
	Inatividade renal	BOERICK, 1997.
	Ureia aumentada	BOERICK, 1997; CAIRO, 2007; VIJNOVSKY, 2003.
Mulher	Libido aumentada/lascividade	BLACKWOOD, 1915.
	Baixa produção de leite	GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; PHATAK, 1994; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007.

Homem	Melhora irritabilidade vesical na hipertrofia prostática	PHATAK, 1994; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
Sono	Sonhos, causas emocionais, a partir de	RETZEK, 1995.
	Insônia	GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; PHATAK, 1994; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003.
	Dorme melhor que o usual, especialmente de manhã cedo; induz a um sono quieto, repousante e recuperador	BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003; BLACKWOOD, 1915.
Generalidades	Diabetes insípidas	PHATAK, 1994; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007.
	Tônico; estimulante	GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; PHATAK, 1994.
	Remineralizante	GUERMONPREZ, PINKAS, 1985.
	Corrige desgaste de tecidos	PHATAK, 1994; BOERICK, 1997.
	Diátese reumática	BOERICK, 1997.

2.5.3 O *Medicago sativa* dentro do repertório homeopático

A fim de identificar em quais rubricas e sub-rubricas a alfafa aparece dentro dos repertórios, assim como quais sintomas foram elencados para classificá-la dentro do repertório, foram selecionados três livros repertoriais onde a alfafa esteve presente, que foram: Repertório homeopático para médicos veterinários (TORRO, 2006); El moderno repertorio de Kent (EIZAYAGA, 1992); e Repertório de homeopatia (FILHO, 2010). Foi selecionado também o repertório digital Lince for Windows, versão 5.12 de julho de 2002. Os repertórios e as rubricas em que a alfafa aparece seguem abaixo:

1. Repertório homeopático para médicos veterinários. Ana Regina Torro.**1ªed. São Caetano do Sul, SP: Ed. do autor, 2006:**

- Ouvido – secreção – mucosa catarral – trompa Eustáquio
- Abdômen – intestinal, alças – apendicite
- Estômago – apetite – aumentado
- Estômago – apetite – aumentado – manhã
- Estômago – apetite – aumentado – comer – após
- Estômago – indigestão
- Alimentação – desejo – doce
- Urina – glicosúria
- Urina – indicam, com
- Urina – sedimentos – fosfatos
- Generalidades – anoitecer (18 – 21h)

2. El moderno repertorio de Kent. Dr. Francisco Xavier Eizayaga. Buenos**Aires, Argentina: Ediciones Marecel, 1992:**

- Mental – hipocondria
- Mental – melancolia, taciturno
- Mental – prostração
- Mental – tristeza, depressão
- Urina – indicam
- Urina – sedimentos – fosfatos
- Sono – insônia

3. Repertório de homeopatia. Ariovaldo Ribeiro Filho. 2ª ed. São Paulo: Editora Organon, 2010:

- Mental – hipocondria
- Mental – irritabilidade
- Mental – mal-humorado
- Mental – prostração
- Mental – tristeza, depressão
- Ouvido – catarro
- Urina – indicam
- Sono – insônia
- Sono – insônia – convalescença
- Generalidades – anoitecer
- Generalidades – fraqueza

Com intuito de comparação das rubricas em que a alfafa aparece dentro do repertório, com as rubricas de outros medicamentos, utilizou-se do Repertório Homeopático Digital (Lince for Windows, versão 5,12 de julho de 2002), onde foi possível fazer a compilação da pontuação, o número de sintomas analisados, ocorrência como medicamento único, frequência de aparição e frequência relativa à pontuação. Conforme exposto a seguir:

4. Repertório Homeopático Digital. Lince for Windows, versão 5,12 de julho de 2002:

- Mental – hipocondria: *Pontuação = 01*
- Mental – irritabilidade: *Pontuação = 01*
- Mental – mal-humorado, irritadiço, rabugento, taciturno: *Pontuação = 01*

- Mental – mordiscar, desejo de: *Pontuação = 01*
- Mental – prostração da mente, exaustão mental, esgotamento cerebral: *Pontuação = 01*
- Mental – tristeza, desânimo, desencorajamento, depressão mental, abatimento, melancolia: *Pontuação = 01*
- Ouvido – catarro – trompa de Eustáquio: *Pontuação = 01*
- Ouvido – tapado, sensação de – trompa de Eustáquio, sensação na: *Pontuação = 01*
- Estômago – apetite – aumentado (fome em geral): *Pontuação = 01*
- Estômago – apetite – aumentado (fome em geral) – antes do meio dia: *Pontuação = 01*
- Estômago – sede: *Pontuação = 01*
- Alimentícios – doce – desejo: *Pontuação = 01*
- Abdômen – inflamação (peritonite, enterite, etc) – crônica: *Pontuação = 01*
- Urina – açúcar: *Pontuação = 01*
- Urina – indican*, contendo: *Pontuação = 01*
- Urina – sedimentos – fosfatos: *Pontuação = 01*
- Sono – insônia: *Pontuação = 01*
- Sono – insônia – convalescença, durante: *Pontuação = 01*
- Generalidade – anoitecer (18 – 21 h): *Pontuação = 01*
- Generalidades – fraqueza: *Pontuação = 01*

No capítulo mental, de 7.822 sintomas analisados, a alfafa está presente em apenas seis, não tendo nenhuma ocorrência como medicamento único, sua

frequência de aparição é de 0,08%. Nos seis sintomas que esteve presente, sua pontuação foi igual a 01 em cada, dessa forma a frequência relativa a pontuação igual a 01 foi de 100%.

Dentro do capítulo ouvido há 2.126 sintomas, a alfafa apresenta-se em apenas dois, não tendo nenhuma ocorrência como medicamento único, sua frequência de aparição é de 0,09%. Nos dois sintomas em que esteve presente, sua pontuação foi igual a 01 em cada, dessa forma a frequência relativa a pontuação igual a 01 foi de 100%.

Dentro do capítulo estômago, há 3.531 sintomas, a alfafa apresenta-se em apenas três, não tendo nenhuma ocorrência como medicamento único, sua frequência de aparição é de 0,08%. Nos três sintomas em que esteve presente, sua pontuação foi igual a 01 em cada, dessa forma a frequência relativa a pontuação igual a 01 foi de 100%.

Dentro do capítulo alimentícios, há 444 sintomas, a alfafa apresenta-se em apenas um, não tendo nenhuma ocorrência como medicamento único, sua frequência de aparição é de 0,23%. No único sintoma em que esteve presente, sua pontuação foi igual a 01, dessa forma a frequência relativa a pontuação igual a 01 foi de 100%.

Dentro do capítulo abdômen, há 4.546 sintomas, a alfafa apresenta-se em apenas um, não tendo nenhuma ocorrência como medicamento único, sua frequência de aparição é de 0,02%. No único sintoma em que esteve presente, sua pontuação foi igual a 01, dessa forma a frequência relativa a pontuação igual a 01 foi de 100%.

Dentro do capítulo urina, há 429 sintomas, a alfafa apresenta-se em apenas três, não tendo nenhuma ocorrência como medicamento único, sua frequência de aparição é de 0,70%. Nos três sintomas em que esteve presente, sua pontuação foi igual a 01, dessa forma a frequência relativa a pontuação igual a 01 foi de 100%.

Dentro do capítulo sono, há 2.025 sintomas, a alfafa apresenta-se em apenas dois, não tendo nenhuma ocorrência como medicamento único, sua frequência de aparição é de 0,10%. Nos dois sintomas em que esteve presente, sua pontuação foi igual a 01, dessa forma a frequência relativa a pontuação igual a 01 foi de 100%.

Dentro do capítulo generalidades, há 4.322 sintomas, a alfafa apresenta-se em apenas dois, não tendo nenhuma ocorrência como medicamento único, sua frequência de aparição é de 0,05%. Nos dois sintomas em que esteve presente, sua pontuação foi igual a 01, dessa forma a frequência relativa a pontuação igual a 01 foi de 100%.

A alfafa não foi localizada nos seguintes capítulos: ilusões, vertigem, cabeça, olho, visão, audição, nariz e olfato, face, boca, paladar, dentes, garganta, garganta externa, bebida, reto, fezes, bexiga, rins, próstata, uretra, genitais masculinos, genitais femininos, laringe, respiração, tosse, expectoração, peito, costas, extremidades, unhas, sonhos, calafrio, febre, transpiração e pele.

De acordo com os repertórios pesquisados, foi possível identificar novos sintomas e, conseqüentemente, novas rubricas em que a alfafa se fez presente as quais não foram possíveis serem encontradas dentro das matérias médicas estudadas. As novas rubricas foram:

- Mental – mordiscar, desejo de
- Estômago – indigestão
- Urina – glicosúria / urina – açúcar
- Sono – insônia
- Sono – insônia – convalescença
- Generalidades – fraqueza

4. DISCUSSÃO

A alfafa é uma planta que tem grande facilidade em se adaptar ao meio em que vive, sob diferentes temperaturas (RASSINI, 1998), possui uma raiz muito longa que a ajuda a acessar fontes de água e nutrientes os quais outras plantas apresentam dificuldades em alcançar (RODRIGUEZ et al., 2003). Parece desgostar de solos encharcados (COOK, 2005; JESUS, 2009) e apresenta sensibilidade a algumas pragas (RASSINI, 1998; EMBRAPA, 2003) cujo desenvolvimento das mesmas tem ligação direta com o estado nutricional que a planta apresenta (COELHO, MARQUES, MARTINS, 2004), seus principais sintomas quando afetada por pragas são murchamento da muda, desenvolvimento pobre e alteração da cor da planta para marrom avermelhado e/ou amarelo (HIJANO, NAVARRO, 1995).

De acordo com essas características específicas da alfafa, é possível compreender sua utilização como medicamento homeopático. Sua facilidade em adaptação pode sugerir uma explicação no fato do medicamento trazer o paciente de volta ao equilíbrio mental, onde por suas longas raízes que buscam nutrientes e água pode-se fazer uma simbologia em que o medicamento pode proporcionar ao paciente alguma ferramenta para buscar e acessar dentro do seu mais íntimo os nutrientes, ou esperanças e motivos, para seguir com sua vida e jornada.

Dentro do desgosto da alfafa por solos encharcados, é possível sugerir relação com necessidade de grande eliminação de água presente, por exemplo, em poliúrias (BLACKWOOD, 1915; GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007) que pode ser observada em pacientes com

diabetes insípidas (PHATAK, 1994; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007).

De acordo com as principais manifestações da alfafa quando doente é possível imaginar que seu murchamento possa estar associado a um murchamento mental, desânimo mental ou astenia cerebral que o paciente por ventura apresente (BLACKWOOD, 1915; GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; PHATAK, 1994; RETZEK, 1995; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003), ou então, mais uma vez, pode-se relacionar a eliminação de água do organismo vista na poliúria (BLACKWOOD, 1915; GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007).

O desenvolvimento pobre quando a alfafa encontra-se adoentada e as variações na coloração da planta, podem estar relacionados com o abatimento que o organismo doente apresenta, prejudicando seu pleno funcionamento. E a alteração de cor pode sugerir ligação com eliminação de fezes de coloração alterada (BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003), presente em alguns pacientes, por exemplo.

A alfafa apresenta grande utilização também na medicina fitoterápica, BLACKWOOD (1915) em sua pesquisa sobre a experimentação da alfafa relata os benefícios que a mesma apresenta, juntamente com publicações apresentadas por DUKE (1992), BERDONCES (1998), RODRÍGUEZ e colaboradores (2003), JESUS (2009) e CEBRIÁN (2014), dessa forma, sua utilização na fitoterapia inclui auxílio na anemia, fadiga, escorbuto, raquitismo, osteoporose, artrite, arterosclerose, falta de apetite, hemorragias, úlceras, fraturas, menopausa, remineralizante, proteinizante e redução dos níveis de colesterol total.

Entretanto, através do experimento feito nesse estudo (BLACKWOOD, 1915), é possível observar outras utilizações da alfafa para a fitoterapia, como: bem estar geral, auxiliar na digestão, efeito diurético, regulação do período menstrual e melhora no sono. Nos relatos dos casos clínicos, é possível ainda observar novas indicações, como: apetite baixo; emagrecimento; hipertrofia prostática (terceiro relato de caso clínico BLACKWOOD (1915): *“um médico (...) fez uma forte tintura da raiz desta planta, para fins diuréticos. Em seus experimentos, ele aumentava a dose em algumas gotas até que ele obtivesse uma ação diurética. Prescreveu esse medicamento em um caso em que houve um edema nas extremidades, com rins inativos e pele seca, obtendo bons resultados em dois casos. Administrando a homens velhos, ele notou o alívio da irritação da próstata e a necessidade frequente de urinar”*); dores musculares e aumento do fluxo de leite em lactantes (último relato de caso clínico feito por BLACKWOOD (1915): *“a alfafa, administrada na dose de gtt. I e II, em uma garrafa de leite três vezes ao dia, é especialmente útil em bebês alimentados com mamadeira. Ela tem feito maravilhas em alguns casos acompanhados de perda de peso. Aumentando o fluxo de leite em mães lactantes, bem como a urina e a ação peristáltica no estômago e intestino, com um conseqüente aumento de apetite e peso”*).

Devido à similaridade de sintomas e de em um mesmo estudo poder ser discriminado ações fitoterápicas e homeopáticas, é possível haver confusão a respeito da utilização da alfafa na fitoterapia e a utilização da alfafa na homeopatia.

Alguns autores (GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007) sugerem o uso da diluição decimal de Hering (DH) ou em forma de tintura, assim as propriedades fitoterápicas da alfafa são conservadas, porém há necessidade de maiores estudos a fim de evidenciar se sob essa diluição o medicamento ainda seria eficiente quando a intenção de uso for, por

exemplo, como medicamento antidepressivo, onde talvez seja necessária uma diluição maior da substância. Nota-se uma necessidade de novos estudos experimentais para identificar a melhor potência para determinado sintoma. É importante salientar que na patogenesia original os sintomas expressos foram obtidos a partir da 3 DH, sendo que não houve presença de sintomas bem definidos na 30 DH, isso pode sugerir que determinados sintomas alcançarão a cura através da ação fitoterápica e não homeopática, e por esta razão seria melhor usar esta potência quando a indicação for fitoterápica, mesmo sendo um medicamento homeopático.

Como essa monografia objetivou a utilização da alfafa dentro da homeopatia, partindo da experimentação de BLACKWOOD (1915), de acordo com a lei da semelhança e com o princípio de agravação mórbida do medicamento homeopático, conforme mencionado anteriormente, foram separados dentro das patogenesias encontradas, os sintomas indicados para a homeopatia e os sintomas indicados na fitoterapia. Assim, os sintomas que são possíveis serem utilizados na homeopatia dentro das patogenesias encontradas (BLACKWOOD, 1915; GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; PHATAK, 1994; RETZEK, 1995; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007) são: lentidão; pensamento devagar; astenia cerebral; debilidade mental; taciturno; prostração mental; torporoso; sonolência; sem brilho; escuridão; estúpido; tristeza; irritabilidade; zangado; nervosismo; melancolia; dificuldade de pensar e compreender; inquietude; mau-humor; rabugento; desânimo; abatimento; apatia; depressão; euforia; aversão a trabalho mental; hipocondria; perturbação; com piora a noite; cefaleia violenta; sensação de peso na cabeça; dor que começa às 14hrs e aumentando gradualmente até às 18hrs; dor com início na região occipital; cabeça apática com sensação de peso no occipital, nos olhos e sobre eles; peso e atordoamento na região occipital e a cima dos olhos; com piora ao

anoitecer e laterização esquerda; dor nos olhos e em cima deles; trompas de Eustáquio se fecham a noite, mas se abrem pela manhã; presença de gases nos intestinos; cólica por gases; dor na linha do cólon; dores agudas intermitentes após três horas da última refeição; sem eliminação de gases; flatulência com distensão; apendicite crônica; desejo de doce; polidipsia; fome aumentada e frequente, fome antes do meio dia; intestino distendido; diarreia com fezes frequentes; fezes com dor acompanhada de flatos e ardor; queimação pela flatulência; fezes moles; fezes amarelas; presença de indicans; presença de fosfatos; poliúria; urgência para urinar; inatividade renal; ureia aumentada; libido aumentada; partir de causas emocionais e diabetes insípidas. Estes sintomas estão expostos na tabela 5, classificados de acordo com o autor que o relata.

Tabela 5: Compilação dos sintomas comuns da alfafa apresentados nas matérias médicas homeopáticas, com suas utilizações dentro da homeopatia, e os autores que os citam.

Capítulo	Sintoma	Autor
Mental	Lentidão; pensamento devagar; astenia cerebral; debilidade mental; taciturno; prostração mental; torporoso	BLACKWOOD, 1915; GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; PHATAK, 1994; RETZEK, 1995; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003.
	Sonolência	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Sem brilho; escuridão	BLACKWOOD, 1915; RETZEK, 1995.
	Estúpido	BLACKWOOD, 1915; RETZEK, 1995; BOERICK, 1997.
	Tristeza	GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Irritabilidade; zangado	BLACKWOOD, 1915; RETZEK, 1995; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.

	Nervosismo	GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; PHATAK, 1994; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000.
	Melancolia	PHATAK, 1994; RETZEK, 1995; BOERICK, 1997.
	Dificuldade de pensar e compreender	RETZEK, 1995.
	Inquieto	RETZEK, 1995.
	Mau-humor; rabugento	RETZEK, 1995.
	Desânimo	RETZEK, 1995; BOERICK, 1997.
	Abatimento; apatia	RETZEK, 1995; BOERICK, 1997.
	Depressão	RETZEK, 1995.
	Euforia	RETZEK, 1995.
	Trabalho, aversão a mental	RETZEK, 1995.
	Perturbado	VIJNOVSKY, 2003.
	Piora a noite	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
Cabeça	Cefaleia violenta	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997.
	Lado esquerdo	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997.
	Sensação de peso	BLACKWOOD, 1915.
	Começando às 14hrs e aumentando gradualmente até às 18hrs	BLACKWOOD, 1915.
	Dor com início na região occipital	BLACKWOOD, 1915.
	Apática com sensação de peso no occipital, nos olhos e sobre eles; peso e atordoamento na região occipital e a cima dos olhos	BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Pior ao anoitecer	BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
Olhos	Dor nos olhos	BLACKWOOD, 1915.
	Dor em cima dos olhos	BLACKWOOD, 1915.
Ouvidos	Trompas de Eustáquio se fecham a noite, mas se abrem pela manhã.	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
Abdômen	Distendido	BLACKWOOD, 1915.
	Presença de gases nos intestinos	BLACKWOOD, 1915.
	Cólica por gases	BLACKWOOD, 1915.
	Dor na linha do cólon	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Dores agudas intermitentes após três horas da última refeição; dor muitas horas após refeição	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.

	Sem eliminação de gases	BLACKWOOD, 1915.
	Flatulência com distensão	BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Apendicite crônica	BOERICK, 1997; CAIRO, 2007.
Alimentação	Desejo doce	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Polidipsia	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003.
	Fome aumentada; deve comer frequentemente, não pode esperar horário da refeição	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003.
	Fome antes do meio dia [Sul]	BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
Fezes	Intestino distendido	BLACKWOOD, 1915.
	Diarreia; fezes frequentes	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Fezes com dor acompanhada de flatos e ardor	BLACKWOOD, 1915; VIJNOVSKY, 2003.
	Fezes com dor	BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Queimação pela flatulência	BOERICK, 1997.
	Moles	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Amarelas	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
Urina	Indicans	BLACKWOOD, 1915; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003.
	Fosfatos	BLACKWOOD, 1915; GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; PHATAK, 1994; BOERICK, 1997; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007.
	Poliúria	BLACKWOOD, 1915; GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007.
	Urgência para urinar; desejo frequente de urinar	BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; CAIRO, 2007.
	Inatividade renal	BOERICK, 1997.
	Ureia aumentada	BOERICK, 1997;

		CAIRO, 2007.
Mulher	Libido aumentada/lascividade	BLACKWOOD, 1915.
Sono	Sonhos, causas emocionais, a partir de	RETZEK, 1995.
Generalidades	Diabetes insípidas	PHATAK, 1994; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007.
	Hipocondria	RETZEK, 1995.

A homeopatia possui o princípio da semelhança, ou seja, da mesma forma que uma substância é capaz de provocar uma doença, ela também é capaz de curá-la (TEIXEIRA, 2006; LISBOA 2010), com isto claro, pode-se fazer uma equivalência aos efeitos tóxicos que a alfafa produz, sugerindo então que ela da mesma forma que causa toxicidade também cure os sintomas por ela expressados.

Conforme relatado nos trabalhos publicados por CORRÊA (1984), TESKE (1994), CORRÊA (1998), CHALUT (1999), SOARES (2000) e JESUS (2009), a alfafa pode apresentar sintomas de intoxicação como aumento do baço e reativação de lúpus eritematoso sistêmico, sendo que esse último sintoma também pode ser observado em estudos feitos por MALINOW (1982) e BROWN (2000).

Através do artigo de JONKER e colaboradores (2002), é possível sugerir também que se a alfafa é capaz de causar fotossensibilidade, ela também pode ser usada em casos semelhantes a fim de obter a cura do paciente. COOK e colaboradores (2005) relatam que os sintomas de intoxicação por alfafa causem enterotoxemias e timpanismo, sendo que esse último sintoma também foi descrito por BLACKWOOD (1915) em sua experimentação.

A partir da análise dos sintomas produzidos através das ações tóxicas da alfafa, sugere-se a inclusão dos seguintes sintomas dentro da patogenesia homeopática da

alfafa: esplenomegalia, lúpus eritematoso sistêmico, fotossensibilidade, timpanismo e enterotoxemias.

Os repertórios que apresentaram a alfafa em suas rubricas foram: TORRO (2006), EIZAYAGA (1992), FILHO (2010) e o repertório digital (2002). Esses repertórios abordaram apenas 17 dos 57 sintomas levantados e compilados através das matérias médicas homeopáticas pesquisadas. Através do levantamento de dados obtido pelo repertório digital (2002), é possível observar que a alfafa possui pontuação geral como sendo igual a 01 em cada sintoma apresentado, isso significa que a alfafa não teve re-experimentação ou experimentação clínica, o que evidencia novamente a necessidade de um aumento no número de pesquisas sobre esse tema. Os sintomas presentes nas matérias médicas homeopáticas e os sintomas presentes nos repertórios consultados podem ser visualizados na tabela 6.

Tabela 6: Identificação dos sintomas presentes nas matérias médicas homeopáticas e os sintomas presentes nos repertórios utilizados

Capítulo	Sintoma	Autor do Repertório
Mental	Lentidão; pensamento devagar; astenia cerebral; debilidade mental; taciturno; prostração mental; torporoso	EIZAYAGA, 1992; FILHO, 2010; Digital, 2002.
	Sonolência	/
	Sem brilho; escuridão	/
	Estúpido	/
	Tristeza	EIZAYAGA, 1992; FILHO, 2010; Digital, 2002.
	Irritabilidade; zangado	FILHO, 2010; Digital, 2002.
	Nervosismo	/
	Melancolia	EIZAYAGA, 1992; Digital, 2002.
	Dificuldade de pensar e compreender	/
	Inquieto	/
	Mau-humor; rabugento	FILHO, 2010; Digital, 2002.
	Desânimo	/
	Abatimento; apatia	/

	Depressão	EIZAYAGA, 1992; FILHO, 2010; Digital, 2002.
	Euforia	/
	Trabalho, aversão a mental	/
	Perturbado	/
	Piora a noite	TORRO, 2006; FILHO, 2010; Digital, 2002.
Cabeça	Cefaleia violenta	/
	Lado esquerdo	/
	Sensação de peso	/
	Começando às 14hrs e aumentando gradualmente até às 18hrs	/
	Dor com início na região occipital	/
	Apática com sensação de peso no occipital, nos olhos e sobre eles; peso e atordoamento na região occipital e a cima dos olhos	/
	Pior ao anoitecer	TORRO, 2006; FILHO, 2010; Digital, 2002.
Olhos	Dor nos olhos	/
	Dor em cima dos olhos	/
Ouvidos	Trompas de Eustáquio se fecham a noite, mas se abrem pela manhã / catarro	TORRO, 2006; FILHO, 2010; Digital, 2002.
Abdômen	Distendido	/
	Presença de gases nos intestinos	/
	Cólica por gases	/
	Dor na linha do cólon	/
	Dores agudas intermitentes após três horas da última refeição; dor muitas horas após refeição	/
	Sem eliminação de gases	/
	Flatulência com distensão	/
	Apendicite crônica	TORRO, 2006; Digital, 2002.
Alimentação	Desejo doce	TORRO, 2006; Digital, 2002.
	Polidipsia	Digital, 2002.
	Fome aumentada; deve comer frequentemente, não pode esperar horário da refeição	TORRO, 2006; Digital, 2002.
	Fome antes do meio dia [Sul]	TORRO, 2006; Digital, 2002.
Fezes	Intestino distendido	/
	Diarreia; fezes frequentes	/
	Fezes com dor acompanhada de flatos e ardor	/
	Fezes com dor	/
	Queimação pela flatulência	/
	Moles	/
	Amarelas	/

Urina	Indicans	TORRO, 2006; EIZAYAGA, 1992; FILHO, 2010; Digital, 2002.
	Fosfatos	TORRO, 2006; EIZAYAGA, 1992; Digital, 2002.
	Poliúria	/
	Urgência para urinar; desejo frequente de urinar	/
	Inatividade renal	/
	Ureia aumentada	/
Mulher	Libido aumentada/lascividade	/
Sono	Sonhos, causas emocionais, a partir de	/
Generalidades	Diabetes insípidas	/
	Hipocondria	EIZAYAGA, 1992; FILHO, 2010; Digital, 2002.

Esses repertórios (EIZAYAGA, 1992; digital, 2002; TORRO, 2006; FILHO, 2010) também apresentam alguns sintomas em suas rubricas que não foram possíveis de serem identificados através da patogenesia consultada, foram eles:

- Urina – açúcar
- Mental – mordiscar, desejo de

De acordo com a pesquisa feita nesse trabalho, sugere-se que a revisão dos seguintes sintomas apontados pelos repertórios, levando em consideração o fato de que a utilização da alfafa na fitoterapia confunde-se com sua utilização na homeopatia, logo, dentro da homeopatia, é possível que esses sintomas não sejam beneficiados com a utilização do medicamento em altas potências. As rubricas que se sugere um novo estudo são:

- Estômago – indigestão
- Sono – insônia
- Sono – insônia – convalescença

- Generalidades – fraqueza

Porém, é importante salientar que a experiência clínica é soberana, dessa forma é possível que tais sintomas sofram efeitos benéficos quando utilizados na prática, contudo não estão descritos de forma científica, evidenciando novamente a necessidade de pesquisas e estudos práticos, experimentais e levantamentos bibliográficos a respeito da alfafa dentro da homeopatia.

Apesar de muito pouco utilizada de forma homeopática, a alfafa está classificada dentre os 1.768 principais medicamentos homeopáticos segundo a Farmacopeia Brasileira (3ª ed, 2011).

Sua pouca utilização dentro da homeopatia pode ser explicada pelo fato da planta não estar presente em muitas matérias médicas (apenas sete de 42 pesquisadas), por ser possível encontrar apenas um estudo de experimentação da planta (BLACKWOOD, 1915), por não ter muitos estudos abordando os sintomas causados a partir de sua intoxicação (apenas oito artigos encontrados), e/ou pelo fato da alfafa não ter sintomas patognomônicos.

Porém, a alfafa é um medicamento extremamente importante e interessante, por conseguir atuar diretamente no íntimo do paciente, em suas esperanças, tristezas e abatimentos. Assim, esse medicamento deve ser levantado como indicação de uso numa repertorização onde esteja presente a desesperança e depressão por poder oferecer ao médico um auxílio no tratamento, trazendo ao paciente uma esperança de melhora quando tudo parecer ter chegado ao fim, pois a alfafa irá despertar no paciente o “sopro” da vida.

Assim, quando houver pacientes que não respondem a medicação, em casos de apatia, diminuição da energia vital, depressão, prostração, escuridão mental,

dificuldade em retornar ao equilíbrio, nervosismo, melancolia, mau-humor, sonolência e perturbação mental (BLACKWOOD, 1915; GUERMONPREZ, PINKAS, 1985; PHATAK, 1994; RETZEK, 1995; BOERICK, 1997; DUFILHO, 2000; VIJNOVSKY, 2003; CAIRO, 2007), por exemplo, a alfafa pode e deve ser prescrita pelo médico a fim de obter melhorias no quadro do paciente, podendo ser utilizada de forma concomitante a outros tratamentos, proporcionando bem estar ao paciente e auxiliando no processo de cura.

5. CONCLUSÃO

Foi possível através dessa monografia, identificar que a indicação da alfafa de forma homeopática se confunde com a indicação fitoterápica. Poucos estudos abordam sua patogenesia e intoxicação. De acordo com a compilação de dados realizada nesta pesquisa, foi possível elencar os principais sintomas em que a alfafa pode atuar, são eles: lentidão; pensamento devagar; astenia cerebral; debilidade mental; taciturno; prostração mental; torporoso; sonolência; ausência de brilho mental; escuridão mental; estúpido; tristeza; irritabilidade; zangado; nervosismo melancolia; dificuldade de pensar e compreender; inquietude mental; mau-humor; rabugento; desânimo; abatimento; apatia; depressão; euforia; perturbação mental; hipocondria; cefaleia violenta; cabeça apática com sensação de peso no occipital, nos olhos e sobre eles; peso e atordoamento na região occipital e a cima dos olhos; dor nos olhos; dor em cima dos olhos; trompas de Eustáquio se fecham a noite, mas se abrem pela

manhã; abdômen distendido por flatulência; presença de gases nos intestinos; cólica por gases; dor na linha do cólon; dores agudas intermitentes muitas horas após refeição; apendicite crônica; desejo doce; polidipsia; fome aumentada; fome antes do meio dia [Sul]; intestino distendido; diarreia; fezes com dor acompanhada de flatos e ardor; queimação retal pela flatulência; fezes moles; fezes amarelas; presença de indicans na urina; presença de fosfatos na urina; poliúria; urgência para urinar; libido aumentada/lascividade na mulher; diabetes insípida. Porém, são necessárias maiores pesquisas a respeito de sua experimentação e patogenesia, para poder classificar e elencar de forma mais clara e pontuada, os sintomas causados e os benefícios dessa planta dentro da homeopatia.

6. REFERÊNCIAS

- ANSHUTZ, E.P. New, Old And Forgotten Remedies. Papers by many writers. Philadelphia, January 2, 1900.
- BERDONCES, JL. Alfalfa. En: Gran enciclopedia de las plantas medicinales. Barcelona: T. Kal, 102-3, 1998.
- BLACKWOOD, A.L. Observations with Medicago sativa. Chicago: Henriette's Herbal, 1915.
- BOERICK, W. M. D. Manual de matéria médica homeopática: os sintomas guia e característicos dos principais medicamentos (clínicos e patogênicos). Traduzido por Alvaro Mesquita Junior, São Paulo: Robe Editorial, 1997
- BROWN, A.C. Lupus erythematosus and nutrition: a review of the literature. Journal of Renal Nutrition, v.10,n.4,170-183, 2000.
- CAIRO, N. Guia de medicina homeopática. Revista e aumentada pelo Dr. A. Brickmann. 24ª ed. Editora Livraria Teixeira, 2007
- CEBRIÁN, J. Plantas medicinales: alfafa, um poderoso tonificante. Disponível em <<http://www.cuerpomente.es/planta.jsp?ID=20924>>. Acesso em 30 de janeiro de 2015.
- CHALUT, C. Toxicological risks of herbal remedies, Paediatr Child Health, Vol 4, No 8, 1999.
- COELHO, M. V.; MARQUES, A. S. A.; MARTINS, O. M. Clavibacter Michiganensis sub sp. Insidiosus: bactéria quarentenária com risco para as culturas forrageiras no Brasil. Comunicado Técnico, 118, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Brasília, 2004.
- COOK, B.G.; PENGELLY, B.C.; BROWN, S.D.; DONNELLY, J.L.; EAGLES, D.A.; FRANCO, M.A.; HANSON, J.; MULLEN, B.F.; PARTRIDGE, I.J.; PETERS, M., SCHULTZE-KRAFT, R. Tropical Forages: na interactive selection tool., [CD-ROM], CSIRO, DPI&F(Qld), CIAT and ILRI, Brisbane, Australia, 2005.
- CORRÊA, A. D.; BATISTA, R. S.; QUINTAS, L. E. M. Plantas Medicinais do Cultivo à Terapêutica. 1ª edição. 1998.
- CORRÊA, M. P. Dicionário das Plantas Úteis do Brasil. IBDF. 1984.
- DUFILHO, R. Fichas de matéria médica homeopáticas: o plano homeopático. Compilação: Dr. Jean Belley. Tradução para o português por Dr. Cláudio Roitman. Editora Organização Andrei Editora LTDA, 2000.

DUKE, J.A. *Medicago sativa* L. Alfafa. En: CRC Handbook of medicinal herbs. Florida: CRC Press, 299-300, 1992.

EIZAYAGA, F. X. *El moderno repertorio de Kent*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Marecel, 1992:

EMBRAPA. EMBRAPA Pecuária Sudeste, 2003 Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Alfafa/SistemaProducaoAlfafa/>>. Acesso em 08 de fevereiro de 2015.

FARMACOPEIA BRASILEIRA, 3^o ed, 2011. Disponível <http://www.anvisa.gov.br/hotsite/farmacopeiabrasileira/conteudo/3a_edicao.pdf>. Acesso em 17 de fevereiro de 2015.

FILHO, A. R. *Repertório de homeopatia*. 2^a ed. São Paulo: Editora Organon, 2010.

GIMENES, B. J. *Fitoenergética: a energia das plantas do equilíbrio da alma*. Nova Petrópolis: Luz da Serra Editora, 2014.

GUERMONPREZ, M.; PINKAS, M.; TORCK, M. *Matiere Medical e Homeopathique*. 2^aed. Paris: Doin Éditeurs, 1985.

HAHNEMANN, C., F., S., *Exposição da doutrina homeopática, ou, Organon da arte de curar*, 5^a ed., São Paulo, GEHSP Benoit Mure, 2013.

HIJANO, E. H.; NAVARRO, A. *Enfermedades de La alfalfa. La alfalfa em La Argentina, Subprograma Alfalfa*, I.N.T.A., 1995.

JESUS, M. *Ervas e insumos: alfafa*. Disponível em: <<http://ervaseinsumos.blogspot.com.br/2009/03/alfafa.html>> Acesso em 07 de julho de 2014.

JONKER J.W. et al. The breast cancer resistance protein protects against a major chlorophyll-derived dietary phototoxin and protoporphyria. *Proc Natl Acad Sci USA*, Nov 26; 99(24): 15649–15654, 2002.

LISBOA S. P. *Alterações de propriedades físico-químicas da água tratada com homeopatia*. 57f. Dissertação (doutorado em Fitotecnia) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010.

MALINOW, M.R. et al. Systemic lupus erythematosus-like syndrome in monkeys fed alfalfa sprouts: role of a nonprotein amino acid. *Science*, v.216,23, 1982.

Phatak S. R.. *Materia Medica de Medicinas Homeopaticas*. Tradução espanhol Martha Taylor de Zorrilla. 2^a ed. Guadalajara: B. Jain Publishers PVT. LTD., 1994

RASSINI, J. B., FREITAS, A. R. *Desenvolvimento da alfafa (Medicago sativa L.) sob diferentes doses de adubação potássica*. *Revista Brasileira de Zootecnia*, Brasília, DF, v. 27, n. 3, p. 487-490, 1998.

RASSINI, J. B. Alfafa (*Medicago sativa* L.): estabelecimento e cultivo no estado de São Paulo. Embrapa Pecuária Sudeste – Circular Técnica (INFOTECA-E), São Carlos, SP, id. 12297, 15p., 1998.

REPERTÓRIO DIGITAL, Lince for Windows, versão 5.12 de julho de 2002.

RETZEK, H. O. The complete Materia Medica mind, based on Roger Van Zandvoort's The Complete Repertory mind. The Netherlands: Institute for Research in Homeopathic Information and Symptomatology Delfsekaade, 1995

RODRÍGUEZ, Z. L. et al. La alfafa: um remineralizante de excelência em el mundo vegetal. Laboratorio Farmacéutico "Oriente", MEDISAN; 7(4):3-6; 2003.

SANTOS, E. S. et al. Casuística do laboratório de homeopatia da farmácia universitária da Universidade Federal Fluminense. Instituto Hahnemanniano do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, vol. 8, nº 2, p. 61-65, 2002.

SOARES, A. D. Dicionário de Medicamentos Homeopáticos. 1ª edição. Santos Livraria Editora. 2000.

TEIXEIRA, M. Z. Homeopatia: ciência, filosofia e arte de curar. Ver Med, São Paulo, abr-jun, 85(2): 30-43, 2006.

TESKE, M.; TRENTINI, A. M. Herbarium Compêndio de Fitoterapia. Herbarium. Curitiba. 1994.

TORRO, A. R. Homeopatia Veterinária: semiologia, matéria médica e psicossomática. 1ªed. São Paulo: Typus, 1999

VIJNOVSKY, B. Tratado de matéria médica homeopática. Tradução Heloísa de Macedo. São Paulo: Organon, 2003.